



A joia perdida e outros segredos de Lisboa, segundo Anísio Franco

Caminhante inveterado e amante da cidade de Lisboa, Anísio Franco, historiador de arte antes do diploma e conservador do Museu Nacional de Arte Antiga; revela histórias desconhecidas e insólitas da capital portuguesa. Do paradeiro incerto da tiara de D. Estefânia à descoberta de um dos mártires de Tânger, na capela do Palácio do Caldas

POR Lina Santos

Todos somos Enid Blyton", diz, risonho, Anísio Franco, quase a fechar a entrevista ao DN a propósito do seu mais recente livro, *Lisboa Desconhecida e Insólita*, onde dá a conhecer os mistérios de uma cidade que explora muito antes de se ter tornado historiador de arte e conservador do Museu Nacional de Arte Antiga. Une-o à criadora dos livros de *Os Cinco* esse gosto por estes segredos que, avisa, nada têm de místico.

Um desses casos é o da tiara da princesa Estefânia, oriunda da casa de Hohenzollern-Sigmaringen. "É um problema grave porque ainda hoje não sabemos onde está", avisa Anísio Franco, explicando que conheceu a história a partir da investigação sobre as joias da Casa Real que tem sido levada a cabo por um amigo, o arquiteto Eduardo Alves Marques. "É uma joia que sabemos a importância que teve, o peso que tinha, de diamante, como o rei D. Pedro V se empenhou quase para fazer a tiara e há qualquer coisa efetivamente de misterioso quanto ao seu paradeiro", conta, e, baixando o tom de voz, acrescenta: "Algumas suspeitas levam a pensar que ela pode ter sido enterrada com ela." A jovem rainha morreu com 22 anos. Outra hipótese levantada é a de que a família tenha ficado com a peça. Os herdeiros existem, o Eduardo Alves Marques contactou-os e nada. Portanto, onde é que ela está?"

Anísio Franco tinha 11 anos quando o irmão e uma prima o deixaram em Belém, sozinho, forçando-o a encontrar o caminho para casa na Portela. "Para me fazer à vida, como hoje os meninos não fazem. Esse acontecimento foi fulcral, traumático na altura, porque fiquei em pânico. Acredito que eles não estivessem longe, mas essa contrariedade obrigou-me a prometer a mim próprio que ia conhecer a cidade toda, de maneira sistemática." Foi uma mola para se tornar um cami-



Anísio Franco, 53 anos, é historiador de arte e conservador do Museu Nacional de Arte Antiga

nhante intrépido. Aos 14 anos, já tinha decidido que ia estudar História da Arte "perentoriamente", com o professor Manuel Rio de Carvalho em conferências na Gulbenkian. Adolescente, combinava com amigos aos domingos, às nove da manhã, na Praça do Comércio, para conhecer Lisboa e esses espaços que não são tão acessíveis. "Com um mapa." "Porquê ao domingo? Porque era dia de missa e as igrejas estavam abertas." E aos 53 anos, conservador de vidro e miniaturas, mantém esse "entusiasmo infantil" pela arte, pelo património. "O meu trabalho passa por aí, mas para mim essa fronteira não existe. Gosto do que faço e não faço

frete." *Lisboa Desconhecida e Insólita* é a terceira obra que publica.

"Este livro resulta de histórias que tinha na minha memória e que fui resgatar e aprofundar, investigar ou arranjar mais dados", diz. Garante que, ao longo da redação, foi surpreendido com algumas delas. "Há sempre qualquer coisa que não conheço", refere, separando bem as palavras como quem frisa a própria surpresa. Um exemplo? "Eu sabia da existência da cripta do Sacramento, só que ela não é visitável, eu nunca a tinha visto. Tive de marcar com o cônego [da Igreja] dos Mártires e as sensações que tive, ao chegar, tentei registar neste livro, nomeadamente sensações olfativas, foi absoluta-

mente surpreendente." O que conta, então, Anísio Franco? "O ar rarefeito intensifica o cheiro amoniacal de bafo, de tal forma que se deverá entrar de máscara ou com um pano a cobrir a boca e o nariz. Ao contrário do que é normal numa cripta, aqui os caixões estão empilhados uns sobre os outros: uns, partidos, deixam ver as ossadas no seu interior; outros, com as telas que os envolvem em decomposição; enquanto outras ossadas não têm sequer já o ataúde que as resguardavam. Uma verdadeira encenação de filme de terror!"

O entusiasmo que Anísio Franco empresta à escrita é o mesmo que lhe ouvimos quando explica as desconhecidas e insólitas histórias que o interessaram e que justificaram que um dia o escritor Valter Hugo Mãe o tivesse transformado em personagem do livro *A Máquina de Fazer Espanhóis*.

Outra surpresa aconteceu durante uma visita com um grupo à capela do Palácio do Caldas, atual sede do CDS. "Uma senhora disse-me que havia uma coisa fantástica atrás do altar e retira-me o frontal de altar. Descubro o mártir Vitorio, uma figura totalmente desconhecida para Portugal. Dentro de uma maquete, de talha dourada, vemos um esqueleto vestido. Trata-se, informa uma placa no exterior, de S. Victoris, um dos mártires de Tânger", escreve o autor.

Entre as 60 histórias escolhidas, das múmias egípcias (as mais antigas) até aos enigmas dos *Painéis de São Vicente de Fora* investigados por Almada Negreiros, passando pelo Hospital das Bonecas e pelo escritório cristalizado no século XIX do pedagogo João de Deus, está o Panóptico que funcionou no Hospital Psiquiátrico Miguel Bombarda.



Uma das ilustrações do livro *Lisboa Desconhecida e Insólita*, a propósito da tiara desaparecida da rainha D. Estefânia



Lisboa Desconhecida e Insólita
Anísio Franco
Porto Editora
175 páginas
PVP: 18,80 euros